



Qual o papel da indústria nacional?

11

Sandro Valeri | Diretor de Estratégia de Inovação e Corporate Venturing. Co-fundador da EmbraerX

Nos últimos anos, as atividades de inovação e transformação digital nas grandes empresas passaram por uma fase de euforia, especialmente no Brasil. Houve proliferação de consultorias, treinamentos, gurus e livros, criação de *labs* e *hubs* de inovação nas empresas, uma bolha salarial, profissionais apresentando fórmulas secretas com startups e empreendedores no centro, e o questionamento da pesquisa, desenvolvimento e engenharia, como lentos e ultrapassados.

Os conselhos de administração entendem a necessidade de inovação e transformação digital, apoiam as estratégias e cobram resultados no final de cada trimestre. O que traz, em muitos casos, uma orientação da inovação para o mundo operacional de redução de custos e eficiência, baseada em tecnologias maduras, desenvolvidas em ecossistemas de outros países. Essa agenda assegura competitividade de longo prazo para o Brasil?

A crise trazida pela Covid-19 também provocou uma primeira reação dos *labs* e *hubs* de inovação, depois de sofrerem grande questionamento dos administradores das empresas. O que vemos atualmente, é uma redução dramática dos orçamentos e alguns hubs com estratégias concentradas na busca de soluções para a Covid-19 no ecossistema de inovação.

Seria esse o propósito de inovação da indústria nacional? Uma agenda voltada para “pivotagens rápidas” e de curto prazo? Como a indústria nacional poderá assegurar competitividade no curto, médio e longo prazo? E como garantir robustez para a próxima crise? Sabemos que ela virá!

É tempo de um novo balanço, um novo pensar e uma nova forma de capitalismo. Klaus Schwabe propôs, no Manifesto Davos 2020, um capitalismo plural, com preocupação e equilíbrio para todas as partes interessadas: acionista, trabalhador, fornecedor, governo, instituição de pesquisa, empreendedor, meio ambiente e comunidade.

É o momento de a indústria nacional promover a inovação nesse papel “multi *stakeholder*”, fazendo o balanceamento necessário nos ecossistemas de inovação nacionais, para que possamos assegurar competitividade ao país e robustez na próxima crise.

O repensar deve começar pelo básico: o balanceamento das cadeias de valores globais e da nossa cadeia de valor. Nesta crise, o alerta foi ligado pela percepção do domínio da cadeia de produtos médicos básicos pela China. Nas crises que virão, outras falhas globais nas cadeias de valor poderão ser evidenciadas. Por isso, precisamos de um estímulo coordenado, entre governo, indústria e institutos de pesquisa, para a criação de uma estratégia contínua de tropicalização dos produtos essenciais, que assegure a soberania tecnológica básica do Brasil.

Com uma estratégia básica, podemos garantir a sobrevivência, mas precisamos de ações mais ousadas e profundas para assegurar a competitividade e o protagonismo do país. A busca de inovação pelo transformacional. Essa estratégia passa, necessariamente, pelo desenvolvimento completo de ecossistemas de inovação, com a indústria tendo papel fundamental.

Nos ecossistemas mais desenvolvidos do mundo, como o Vale do Silício, Nova Iorque, Boston-Cambridge, Pequim, Cingapura, Alemanha, Japão e Israel, a indústria tem um papel central, criando e viabilizando uma conexão entre a produção científica e tecnológica das universidades e os mercados. Com centros de pesquisa próprios, ligados ao governo e universidades, esses ecossistemas propiciam grandes rupturas tecnológicas de capital intensivo e, com seus hubs e aceleradoras, viabilizam a participação dos empreendedores para inovações ousadas e entrada rápida nos mercados. Tecnologias e modelos de negócios nascidos nesses locais estão ditando a ordem global da agenda de inovação.

A indústria nacional deve buscar uma agenda de enriquecimento dos ecossistemas de inovação. Um processo que começa pela aproximação e o fortalecimento de universidades e centros de pesquisa, passa pelo estímulo e melhoria conjunta das agências de fomento governamentais e investimento próprio em centro de pesquisa e desenvolvimento, até chegar à conexão final com comunidades e empreendedores.

É necessário também repensar as estruturas e estratégias internas de inovação, para que levem em consideração: os múltiplos balanços no curto, médio e longo prazo; o P&D interno e a inovação aberta; como atender todas as partes interessadas; os processos e o uso de ferramentas; o básico, adjacente e transformacional. E, finalmente, uma estratégia que assegure a participação – intensa e integrada nos ecossistemas – de universidades, centros de pesquisas, entidades de fomento, governo, *hubs* e aceleradoras.

Chegou a hora da indústria nacional assumir o papel da Inovação com “I” maiúsculo. Uma inovação com propósito, que faça a diferença e traga resultados para todas as partes interessadas: acionista, trabalhador, fornecedor, governo, pesquisa, empreendedor, meio ambiente e sociedade. Enfim, para o nosso país!